



Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves

**PREFEITURA MUNICIPAL DE BENTO
GONÇALVES-RS
SECRETARIA DE TURISMO**

**PROJETO PAISAGÍSTICO NAS ESTRADAS TURÍSTICAS DE
BENTO GONÇALVES-RS**

VOLUME 01A - RELATÓRIO TÉCNICO N. 01 – Estudo Preliminar

Roteiro 01 – Vale dos Vinhedos

DATA: JUN/2013

ÍNDICE

1- APRESENTAÇÃO	03
2- EQUIPE TÉCNICA.....	05
3- MAPA DE SITUAÇÃO E LOCALIZAÇÃO.....	06
4- INTRODUÇÃO.....	09
5- METODOLOGIA.....	11
6- RELATÓRIO TÉCNICO.....	13
7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22
ANEXO 01 – PLANTAS E MATERIAL GRAFICO	23
ANEXO 02 – RELATÓRIO FOTOGRÁFICO.....	24

1. APRESENTAÇÃO

O presente Relatório, elaborado pela empresa **RS Projetos Ltda**, em atendimento ao contrato efetuado com a Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves-RS, tem como objetivo a apresentação do Roteiro 01 – Vale dos Vinhedos, da etapa de Estudo Preliminar do projeto paisagístico nas estradas turísticas de Bento Gonçalves-RS.

Todo o trabalho, que terá como produto final o projeto paisagístico das ruas e estradas que compõe os seguintes roteiros:

Roteiro 01 – Vale dos Vinhedos

Roteiro 02 – Caminhos de Pedra

Roteiro 03 – Vale do Rio das Antas

Roteiro 04 – Caminhos de Eulália

Roteiro 05 – Cantinas Históricas

O trabalho divide-se nas seguintes etapas:

1. Estudo Preliminar: contempla a caracterização das áreas de estudo bem como a análise da situação existente no que tange aos seus aspectos físicos.
2. Projeto Básico: conjunto de informações e diretrizes de intervenção necessárias a definição geral da proposta de acordo com cada trecho estudado;
3. Projeto Executivo: consiste no conjunto de informações necessárias a execução dos trechos ou partes do mesmo.

Cada etapa do trabalho será entregue em volumes separados de forma a propiciar a administração seu uso em separado ou em conjunto. Tanto no que tange ao projeto quanto orçamento da obra. Esse volume é denominado **Volume 01 A** – Estudo Preliminar – Roteiro 01 – Vale dos Vinhedos.

Os trabalhos foram desenvolvidos de acordo com a metodologia específica determinada de acordo com cada etapa desenvolvida e do Termo de Referência, contido no edital da licitação.

Dados de Contrato:

Contrato n. 159/2013

Edital Tomada de Preços 004/2013

Data de Assinatura: 17/06/2013

Data da Ordem de Início: 28/06/2013

2. EQUIPE TÉCNICA

Coordenadores Técnicos

Arq. Me. Rafael Brener da Rosa – CAU A76995-9

Arq. Marco Gustavo Schmidt – CAU A34063-4

Equipe Técnica

Arq. Me. Luiz Merino de Freitas Xavier – CAU A17903-5

Arq. Nathalia Danezi – CAU A80819-9

Arq. Rafael Giacomini - CAU/RS 124.548-01

3. MAPA DE SITUAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

Para uma melhor visualização da área de abrangência do Inceu, apresenta-se o Mapa de Situação de Bento Gonçalves-RS, localizando o município no país e no estado.



Figura 01 - Mapa com a Localização do Município de Bento Gonçalves-RS

(Fonte: Acervo RSP)

Abaixo apresenta-se a localização do município em relação a Região Nordeste do Rio Grande do Sul:

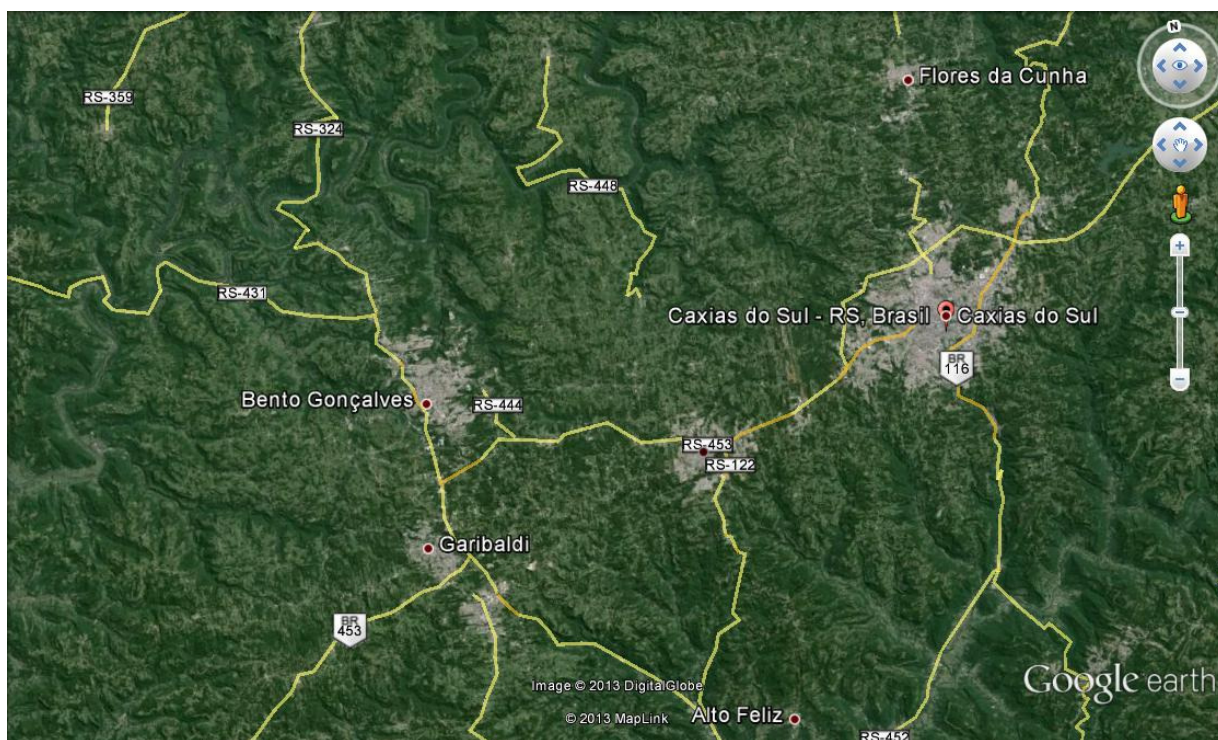


Figura 02 - Mapa com a Localização do Município de Bento Gonçalves-RS em relação ao contexto regional (Região Nordeste)

(Fonte: GoogleEarth)

Abaixo apresenta-se um mapa com a localização esquemática da área de estudo - Roteiro 01 – Vale dos Vinhedos:

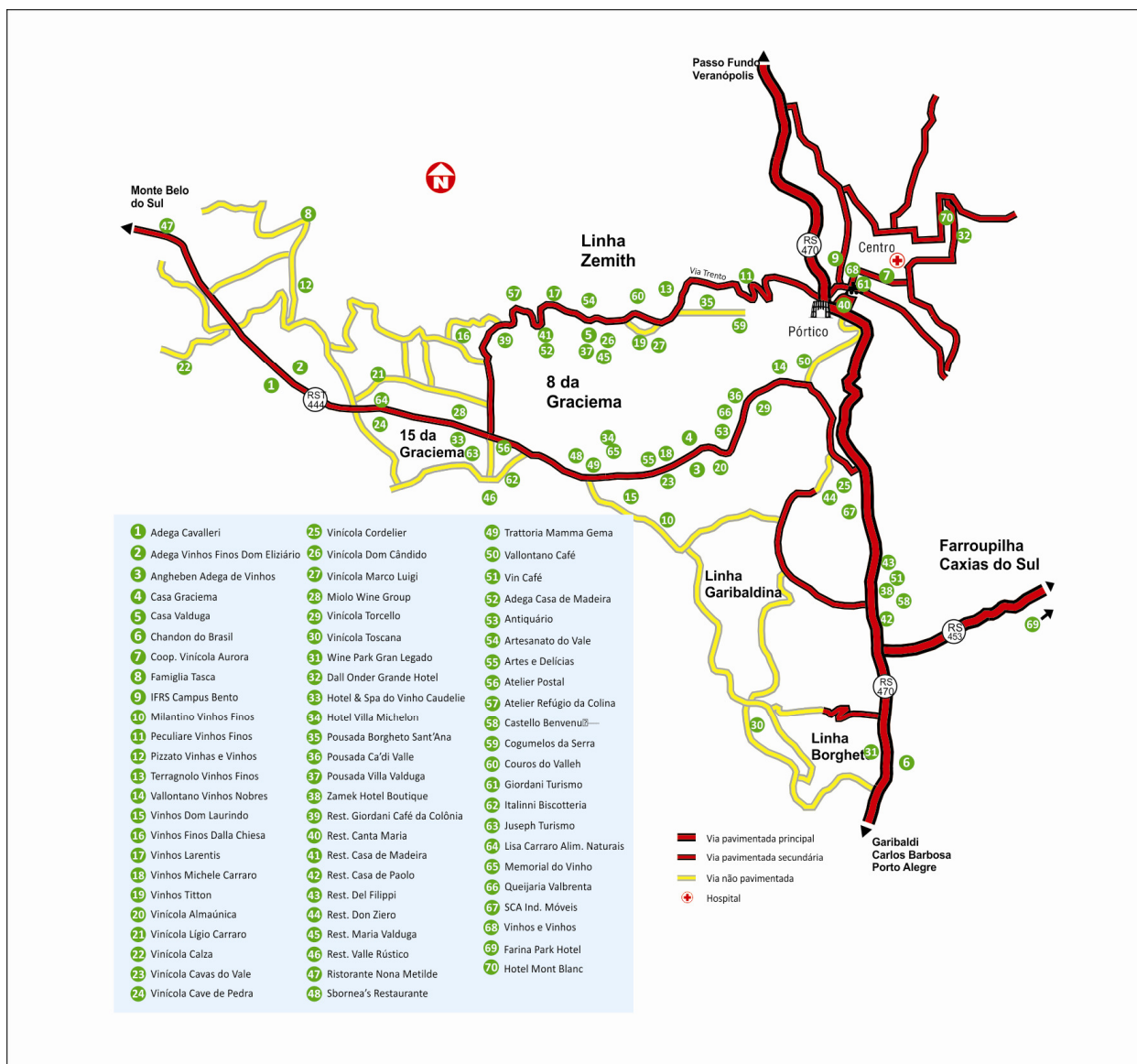


Figura 03 - Mapa com a Localização do Roteiro 01 – Vale dos Vinhedos

(Fonte: Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves – Secretaria de Turismo)

4. INTRODUÇÃO

4.1 A PAISAGEM CULTURAL

A percepção visual é uma condição fundamental para a existência cultural da paisagem. Antes de mais nada, a paisagem é um modo de ver projetado na superfície da terra e dispondo de suas próprias técnicas e formas compositivas. Para alguns autores, paisagem é aquilo que o olhar abarca. A indiscutível indissociabilidade entre o homem e a natureza na construção das paisagens passa por um processo inicial de separação, segundo Sandra Pesavento. Essa separação possibilita, pelo distanciamento realizado, uma representação da mesma natureza pelo olhar daquele que a contempla. Pesavento (2006) ainda afirma:

“Esta natureza é tomada como objeto e o homem que dela se apropria é alguém diferenciado, tanto por ser portador de uma particular sensibilidade quanto por seu estranhamento ao meio contemplado. É o homem culto e sensível aquele que observa, que recorta, que organiza e que explicita a remontagem da natureza, redimensionada pelo olhar. [...] A construção da paisagem é tanto narrativa quanto imagem que se oferece a ler e é dada a ver. Neste sentido, o conceito de paisagem remete ainda à recepção, ou o sentimento que se espera obter do leitor/espectador diante da paisagem que se expõe. A paisagem é tanto fruição do mundo quanto forma de apreensão ou conhecimento do real, orientando a percepção desta realidade e a sua apreciação, qualificada.” (PESAVENTO, 2006)

Ao distanciar-se, o homem formula para si uma paisagem, ou seja, ela é uma projeção do observador. Ao mesmo tempo, a paisagem possui caráter de dado, configurável e marcado por ação humana. Porém, não devemos adotar apenas enfoques polares e sim considerar a paisagem uma estrutura de interação, para que se tenha sua verdadeira natureza cultural.

Essa interação se dá através da percepção, a qual envolve a organização e reorganização de dados a partir de valores, aspirações, interesses, etc. Ela envolve igualmente práticas que desfazem as diferenças entre sujeito/objeto, cultura/natureza. Pode-se citar Christopher Tilley para mostrar que pessoas e ambiente são componentes constitutivos do mesmo universo, que a percepção não fragmenta:

“Na percepção do mundo e no consumo de recursos (utilitários ou simbólicos) desse mundo, os significados incorporados nos objetos ambientais são canalizados para as experiências dos sujeitos. A percepção do mundo e a constituição daquilo que é importante ou desimportante para as pessoas não funciona em termos de “uma lousa ambiental em branco”, que é operada pela

percepção e pela cognição, mas em termos de historicidade das experiências vividas nesse mundo.” (TILLEY, 1994).

Outro fator importante ao reconhecer o valor das paisagens é a história que elas contêm. Por isso, ela pode ser objeto de conhecimento histórico e essa história pode ser narrada. São traços que conduzem ao entendimento da formação geomorfológica e social da paisagem contemporânea e de suas sucessivas fisionomias anteriores, ao longo do tempo.

A historicidade da paisagem diz respeito, também, ao uso que dela fizeram as sociedades ou segmentos sociais. Nos usos é que se concentram os significados mais profundos da paisagem. Mas é no campo da identidade e dos processos identitários que a paisagem mais tem sido mobilizada. Antes de tudo é indiscutível o papel que ela desempenhou como componente na fixação das identidades nacionais e no caso da colonização italiana do Rio Grande Sul, na identidade regional.

Estes apontamentos conduzem a um conceito de paisagem cultural, pertinente no caso específico do objeto de análise, um conjunto de estradas rurais, no interior de um município marcado por um passado rico em manifestações culturais sobre o ambiente. A paisagem, assim, pode ser considerada como a manifestação formal da relação sensível dos indivíduos e das sociedades, no espaço e no tempo, com um território mais ou menos intensamente modelado pelos fatores sociais, econômicos e culturais. A paisagem é o resultado da combinação dos aspectos naturais, históricos, funcionais e visuais.

Esta relação entre o homem e o meio pode ser de ordem afetiva, de identidade, estética, simbólica, espiritual ou econômica e implica a atribuição às paisagens pelos indivíduos ou sociedades os valores de reconhecimento social a diferentes escalas local, regional, nacional ou internacional.

A paisagem é a cultura territorial de um povo, é a expressão formal ou o resultado objetivo sobre o território da gestão cotidiana e da aplicação da cultura material de cada sociedade na utilização de seus recursos naturais, na construção de seus edifícios, na disposição do habitat, no traçado de seus caminhos, na forma como recebe seus visitantes

5. METODOLOGIA

A metodologia adotada para a realização da caracterização da área de estudo, baseia-se essencialmente nas formas de percepção do espaço urbano e rural de forma a apreender as paisagens dominantes que estruturam a imagem coletiva do (s) lugar(s) em questão.

Segundo o *Manual de Aplicação do Inventário de Configuração dos Espaços Urbanos*¹, desenvolvido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional (IPHAN), o qual busca determinar os procedimentos para coleta e análise de dados necessários à identificação dos atributos dos lugares responsáveis pelo caráter especial dos sítios urbanos a serem preservados assim como estabelecer as diretrizes para a sua preservação, este método busca essencialmente relacionar as informações obtidas através de duas categorias analíticas essenciais: a percepção do espaço urbano, e representação gráfica do mesmo de forma a identificar as características principais do sítio urbano inventariado.

No caso em questão, adota-se apenas a estratégia de sistematização dos eventos sequencias (pautas perceptivas) das categorias de percepção (A's) presentes nos percursos, de forma a registrar os principais eventos e estímulos visuais do roteiro analisado e estabelecer ou identificar os marcos e limites que permitam caracterizar **em trechos ou partes** a área de estudo. Busca-se assim o entendimento de Kevin Lynch ² sobre como se estruturam bairros, ou setores da paisagem existente.

De forma prática, este método considera que ao nível da percepção, o espaço urbano é analisado através da realização de percursos a pé ou de automóvel, de aproximação e no interior da área de estudo, para a avaliação de composições e efeitos de conjunto que se configuram no espaço. Os estímulos visuais proporcionados pela articulação dos diversos elementos possibilitam a apreensão e leitura da identidade morfológica do sítio.

¹ KOHLSDORF, Maria Elaine. **Manual** do Inventário Nacional de Configuração do Espaço Urbano (INCEU). MINISTÉRIO DA CULTURA - IPHAN: 2001.

² LYNCH, Kevin. **The image of the city**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.

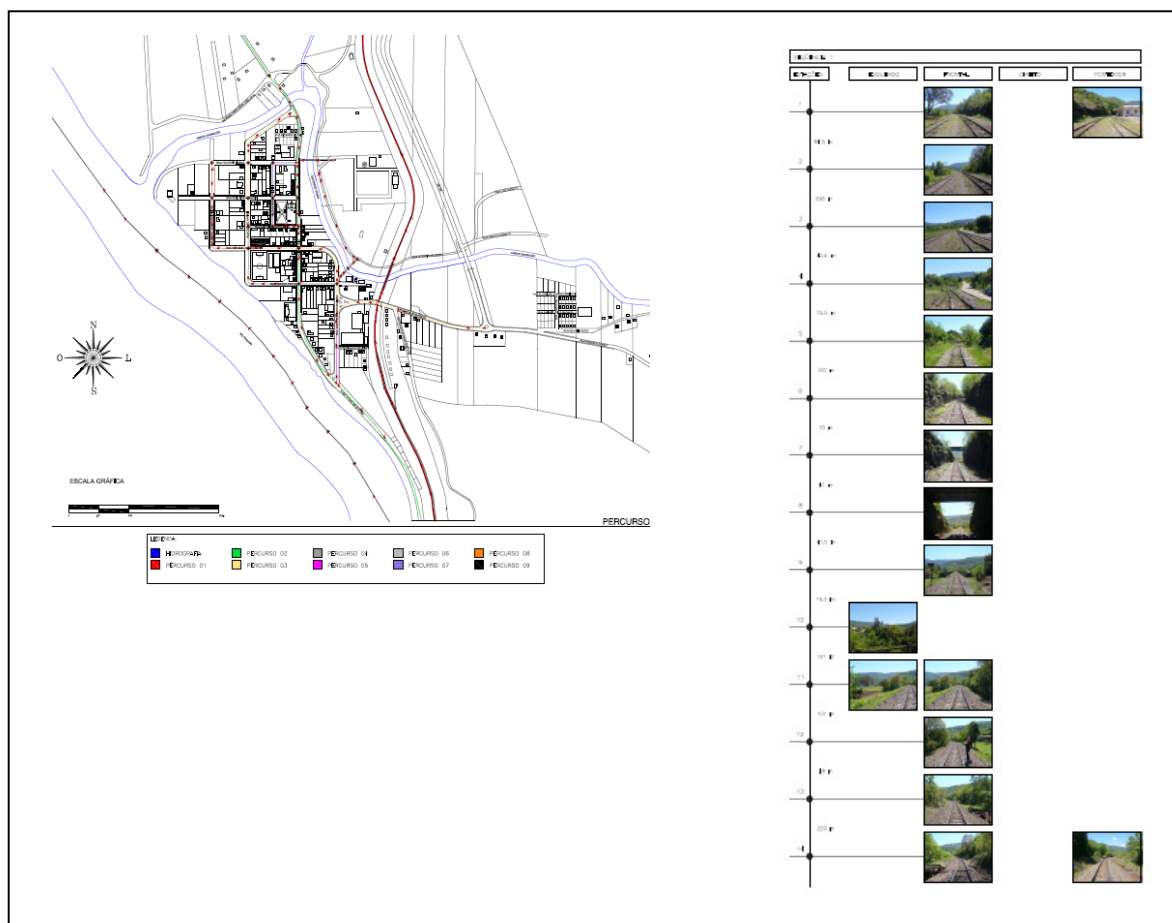


Figura 04 - Exemplo de percurso e pauta sequencial – Inceu Sta Tereza-RS

(Fonte (RSP – Inceu Sta Tereza-RS)

Tal registro é feito através de fotografias, registradas sequencialmente em mapas, gráficos, tal como pautas musicais ao longo dos percursos analisados. A partir da elaboração deste material, análise e descrição gráfica ou textual, pode-se determinar trechos existentes por similaridade de atributos físicos e desta forma descrever mais aprofundadamente as suas características, identificando assim os elementos estruturantes do lugar, suas potencialidades e deficiências. Tal procedimento permitirá ao projetista avaliar na situação existente com maior segurança os elementos a preservar, modificar, ou inserir de forma a identificar os níveis de intervenção bem como suas diretrizes iniciais.

6. RELATÓRIO TÉCNICO

6.1 INTRODUÇÃO

Este relatório tem por objetivo apresentar o material desenvolvido na etapa de estudo preliminar referente ao Roteiro 01 – Vale dos Vinhedos.

6.2 PROCEDIMENTOS REALIZADOS

6.2.1 Visita à Campo

Considerando a área de estudo, foram feitas visitas à campo entre os dias 29 e 30 de junho de 2013 perfazendo a totalidade do percurso da área em questão Roteiro 01 – Vale dos Vinhedos de forma a apreender as impressões do lugar no que tange à percepção da paisagem da área de intervenção.

6.2.2 Registro dos Eventos Gerais – aspectos visuais, marcos referenciais e definições de limites

Em cada percurso determinado foram registrados os eventos (estações) e os intervalos entre os mesmos segundo critérios específicos, ou seja, os estímulos visuais, limites ou bordas que estruturam os trechos .

6.2.3 Análise dos Campos Visuais

A partir do registro dos campos visuais das seqüências, estes foram analisados tomando como base as fotografias obtidas de cada cena, analisado na própria fotografia os efeitos topológicos e perspectivos, sua intensidade e partir de então definiram-se trechos dentre no percurso analisado.

6.2.5 Preenchimento das Fichas Fotográficas

Com base na análise realizada, foram preenchidas as fichas onde se registrou em cada evento e ou referência marcante do percurso, os quais contribuem para a caracterização do sítio inventariado. Cabe destacar que este material constitui-se em um acervo fotográfico fundamental para consulta e registro do sítio no momento de realização deste trabalho, resultando em um documento de base para posterior análise das transformações da paisagem do lugar.

6.3 CARACATERIZAÇÃO DO LUGAR

6.3.1 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOECONÔMICO

A Região do vale dos Vinhedos localiza-se no contexto da Região da Serra Gaúcha, espaço construído pelo processo de imigração, promovido no país no período do Império e da República Velha. Na região, a imigração italiana teve início a partir de 1875, quando foram estabelecidos os núcleos coloniais da Colônia Caxias, Dona Isabel e Conde D'Eu. Estes dois últimos tiveram seu desenvolvimento a partir de 1876 com a chegada de imigrantes italianos, após tentativa fracassada de colonização com imigrantes franceses. Os primeiros imigrantes italianos em sua maioria procedentes do norte da Itália compraram e ocuparam inicialmente as terras devolutas localizadas na encosta do planalto Nordeste do Rio Grande do sul, ao norte das antigas colônias alemãs.

As colônias Caxias, Dona Isabel e Conde D'Eu deram origem respectivamente aos municípios de Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi. O projeto de colonização italiana desenvolveu-se sob orientação da Lei nº 601 de 1850, conhecida como Lei de Terras. Segundo Facalde e Mandelli (1999), “cada colônia foi dividida em léguas, estas em linhas ou travessões que, por sua vez dividiam-se em lotes”. O projeto foi posto em prática após expedições topográficas à região, tendo resultado em um traçado geral da área sobre a qual foram desenhados os lotes, sem a observação das condições do terreno, a não ser os acidentes de maior destaque, como os rios. Os lotes deveriam ter o sentido meridiano, porém a irregularidade do terreno nem sempre permitiu que a regra fosse seguida. O tamanho da légua, o número de travessões por légua e o de lotes por travessão variavam muito, embora a legislação apresentasse como módulo o lote de 25ha.

A ocupação da região foi rápida. O reduzido tamanho dos lotes e o número elevado de filhos nas famílias dos imigrantes formaram logo um excedente de população que passou a buscar novas áreas para se estabelecer, o que ocorrerá gradativamente em direção ao norte, além do Rio das Antas, acompanhando a continuidade dos trabalhos de demarcação e loteamento das terras devolutas pelo Governo do Estado.

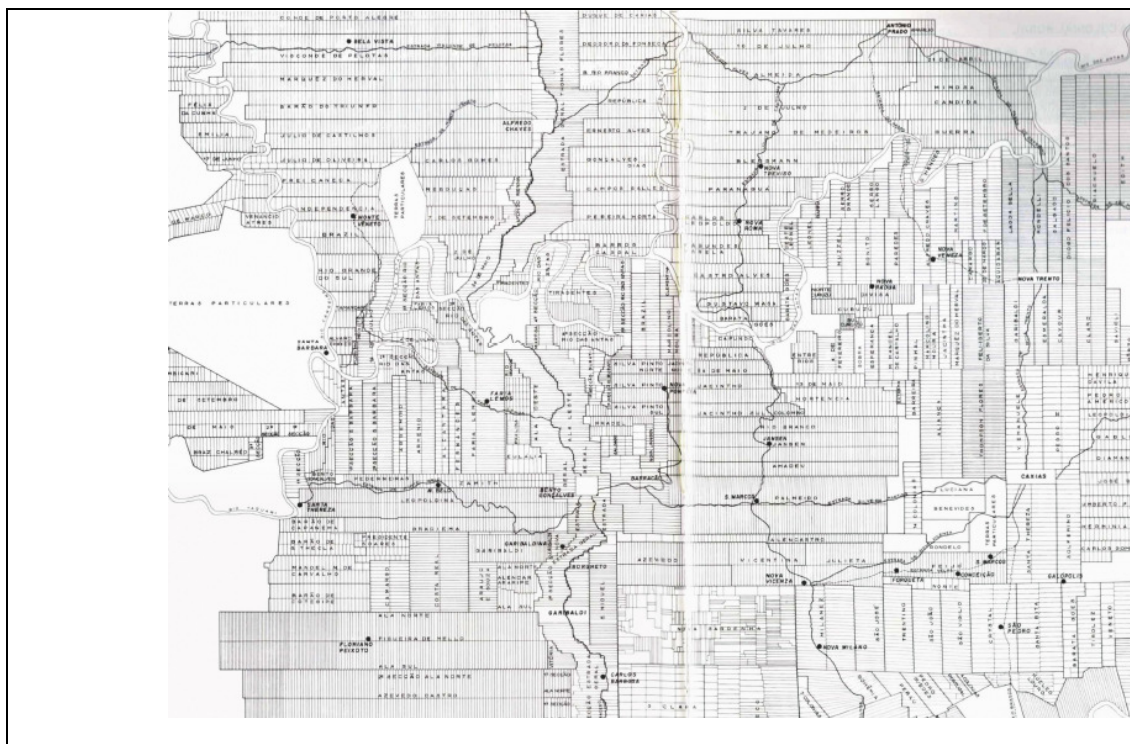


Figura 05 - Divisão Territorial na Região da Serra Gaúcha

(Fonte: POSENATO, p. 184-185)

Nessa região o imigrante construiu um espaço caracterizado pela policultura. Rapidamente as encostas do planalto, cobertas de densa vegetação, deram lugar ao cultivo de cereais, hortaliças e frutas, à criação de aves, de suínos e de gado. O que começou para consumo da família, com base em seu trabalho, rapidamente produziu um excedente, constituído principalmente por milho, trigo, feijão, batata, vinho, banha, salame, queijo, entre outros, que eram comercializados nos centros urbanos maiores, transportados por carroças que circulavam por precários e estreitos caminhos.

Uma série de fatores conduziu ao desenvolvimento da produção de vinho na região. A ligação ferroviária com a capital, a partir de 1910 para Caxias do Sul, 1918 para Garibaldi e 1919 para Bento Gonçalves, facilitou a inserção da produção colonial no crescente mercado consumidor brasileiro. A ferrovia permitiu assim o desenvolvimento do setor vinícola, com o estabelecimento de diversos estabelecimentos na região. Bento Gonçalves a partir da década de 1930 amplia sua base industrial em produtos agrícolas, especialmente agroindústrias vinícolas, enquanto outros municípios, como Caxias do Sul, optam por um modelo centrado nos setores metais mecânicos. A partir da década 1960, esta participação da indústria vinícola vai

crescendo no município de Bento Gonçalves, com a especialização da agricultura e a redução da policultura.

O desenvolvimento industrial verificado no Brasil a partir dos anos 60 disponibiliza uma série de insumos que possibilitam uma nova mudança na realidade agrícola de Bento Gonçalves: a expansão da área cultivada com diversos cultivares de videiras europeias, especialmente nas décadas de 1970 e 1980 e o incremento da produção de vinhos de melhor qualidade. Hoje, na região esta atividade foi responsável por grande parte da acumulação de capital que contribuiu para o desenvolvimento da indústria moderna e pela identidade que a região tem hoje no país.

6.3.2 ASPECTOS AMBIENTAIS E PAISAGÍSTICOS

A região da Serra Gaúcha, considerando a vitivinicultura, é composta por 28 municípios, onde é produzido mais de 90% do vinho nacional, com destaque para os municípios de Bento Gonçalves, Garibaldi, Farroupilha e Monte Belo do Sul, especialmente na produção de uvas para a elaboração de vinhos finos.

Do ponto de vista ambiental, a colonização italiana foi implantada nas bordas e próximo ao topo de um dos patamares mais elevados do Planalto das Araucárias, onde o relevo se apresenta em patamares e as vertentes formam “escadas”. As superfícies mais elevadas formam o divisor de águas das bacias do Rio Caí e das Antas, linha que passa pelas cidades de Caxias do Sul, Farroupilha e Garibaldi. O Vale dos vinhedos apresenta altitudes que variam entre 200 m até 742 m, mas as altitudes entre 500 m e 700 m correspondem a mais de 3/4 da área total do vale.

A topografia ondulada no topo, com bordas escarpadas e recortadas, se formou a partir de uma rede de drenagem com alta densidade ou textura fina, formada pelo arroio Vale dos Vinhedos e pelo Arroio Leopoldina que nascem a sudeste do Vale, no Município de Garibaldi, e correm na direção norte-noroeste, tributários do Rio das Antas.

A geomorfologia da Região do Vale dos Vinhedos apresenta-se na forma de patamares intensamente dissecados e fragmentados, sendo os vales dos Arroios Leopoldina e Vale dos Vinhedos, na sua porção inferior, profundamente encaixados. Nesta área, a declividade ultrapassa os 45%, tendo inclusive a presença de extensas cornijas de basalto parente. As áreas com essa declividade são protegidas legalmente para preservação ambiental, fazendo parte da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica e seus Ecossistemas Associados no Estado do Rio Grande do Sul.

Nas partes altas do Vale também o relevo é muito movimentado, não apenas porque as áreas planas com alguma extensão são raras e, no conjunto, possuem alguma declividade (até 3%), mas também porque, no sentido horizontal, ocorre uma variação intensa na orientação das vertentes.

No que diz respeito ao clima, o contexto regional no qual se insere o Vale dos Vinhedos caracteriza-se pela homogeneidade pluviométrica e clima mesotérmico do tipo temperado. A localização em latitudes médias resulta numa evaporação e insolação ainda intensas, contribuindo para um maior volume de precipitação quando a região é atingida pelas frentes frias ou correntes ascendentes. Na maior parte da região, as temperaturas médias oscilam entre 16° e 18°, podendo atingir nas partes mais elevadas temperaturas médias de até 10°.

A região onde foi implantado o projeto de colonização italiana caracterizava-se originalmente por estar revestida de bosques de Araucária angustifolia intercalados por campos nos topos mais suaves, a denominada floresta Ombrófila Mista e, nas áreas escarpadas do planalto, por espécies pertencentes à floresta Estacional Decidual (IBGE, 1986). Quanto mais planas e extensas as áreas, maiores eram as manchas de vegetação campestre e quanto mais acidentado o terreno, mais densos e contínuos os bosques de araucária e matas de encosta.

A Floresta Ombrófila Mista, acima dos 500 m de altitude, onde a araucária formava o estrato emergente tinha, principalmente, como estrato inferior o angico-vermelho (*Paraptadenia rígida*), e a grápia (*Apuleia leiocarpa*), mas também canelas (*Cryptocarya aschersoniana*, *Ocotea pulchella*, e *Ocotea puberula*), sapopemas (*Sloanea lasiocoma*), guabiroba (*Campomanesia rhombea*), açoita-cavalo (*Luehea divaricata*), pessegueiro bravo (*Prunus sellowii*), bracinga (*Mimosa escabrella*), erva-mate (*Ilex paraguayensis*), aroeira (*Lithraea brasiliensis*), cambuí (*Myrciaria tenella*) e canjerana (*Cabralea canjerana*), entre outras.

A Floresta Estacional Decidual, onde a queda foliar faz parte do processo de dormência, tem poucas espécies exclusivas. Os estratos apresentam copagem bastante densa, os superiores formados por grápia (*Apuleia leiocarpa*), angicos-vermelhos (*Paraptadenia rígida*), cabriúvas (*Myrcarpus frondosus*), canafístulas (*Peltophorum dubium*), paus-marfim (*alfourodendron riedelianum*), canelas (*Cryptocarya aschersoniana*, *Ocotea pulchella*, e *Ocotea puberula*), entre outras, e nos inferiores, além dos indivíduos jovens dessas espécies, o cincho (*Sorocea bonplandii*), o catiguá (*Trichilia clauseni*) e as gramíneas. Além disto, nas

diversas áreas de contato observa-se uma interpenetração das espécies entre as formações vegetais, como, por exemplo, a araucária.

6.3.3 USO DO SOLO E PAISAGEM

Na Região do Vale dos vinhedos, a análise da ocupação permite identificar e agrupar as seguintes categorias de uso e de cobertura do solo:

- área urbana e sistema viário: estão incluídas nesta classe as áreas intensas e medianamente edificadas do distrito, bem como a ocupação no meio rural. Esta classe de uso ocupa cerca de 10% da área total do Vale (FACALDE e MANDELLI, 1999);

- mata: nesta categoria estão incluídas as áreas com cobertura vegetal arbórea, nativa ou cultivada, mata secundária e galeria. Esta classe ocupa cerca de 43% da área (FACALDE e MANDELLI, 1999);

- agricultada: incluindo o uso do solo com culturas temporárias ou não, como hortas, pastagens, milho, distintas da área dos vinhedos. Esta classe ocupa cerca de 21% da área total do Vale (FACALDE e MANDELLI, 1999);

- agricultada com vinhedos, onde se percebe que a localização preferencial das videiras procura as áreas com declividades menos elevadas, com relevo suave ondulado e ondulado e as vertentes mais insoladas, ou seja, as voltadas para Nordeste, Norte e Noroeste, o que corresponde a cerca de 1/3 da área total do Vale, em geral localizadas na margem esquerda do Arroio Leopoldina. Esta classe ocupa cerca de 26% da área do Vale (FACALDE e MANDELLI, 1999).

6.3.4 AS PAISAGENS AO LONGO DA RST 444 E DA VIA TRENTO

A análise da paisagem ao longo da estrada RST 444 e da Via Trento, as duas vias principais de acesso e visita ao Vale dos Vinhedos requer a subdivisão em setores ou trechos homogêneos, como forma de diagnosticar e identificar os principais problemas e potencialidades do local com vistas ao estabelecimento de diretrizes de intervenção.

Preliminarmente, cabe destacar três feições morfológicas mais significativas na composição da paisagem cultural do Vale dos Vinhedos:

a) a presença constante e marcante da vegetação nativa em bosques localizados nos topos dos morros e em suas encostas, bem como ao longo de arroios;

b) as extensas áreas de vinhedos, localizadas predominantemente nas encostas e nas porções menos declividade, às vezes aproximando-se da borda da rodovia;

c) os jardins que margeiam a estrada, fazendo a interface frontal entre as propriedades e a área de circulação pública.

Percorrendo a RST 444 e na sequência a Via Trento, podemos identificar uma sequência de trechos com paisagens que apresentam feições homogêneas em termos morfológicos e funcionais. Tais trechos serão descritos e ilustrados a seguir;

TRECHO 01 – Da RST 470 à Vinícola Valontano

Trecho intensamente urbanizado, especialmente nas margens da Rodovia RST 444. Inicia-se em uma rótula mal projetada, mal dimensionada e perigosa entre a RST 470 e 444. A Aprovale instalou neste local um pequeno parador para automóveis onde há um outdoor com um mapa geral do Vale dos Vinhedos e suas atrações. O Centro de informações Turísticas fica há cerca de 200 metros adiante. A ocupação do primeiro trecho é marcada por residências novas, algumas indústrias, posto de gasolina. A igreja Nossa Senhora de Pompeia é um dos poucos atrativos arquitetônicos do trecho. A área é baixa, com muitas curvas e poucos acostamentos. A pista é simples, asfaltada, levando aos automóveis circularem em velocidade inadequada para o caráter do local. Chama a atenção o posteamento ao longo da estrada, com fiação aparente, causando impacto negativo na paisagem.

TRECHO 02 – Da Vinícola Valontano ao SPA do Vinho

Trecho apresenta equilíbrio entre áreas construídas e áreas abertas, de caráter rural. Sucedem-se vinícolas, vinhedos e residências. A área, apesar de urbanizada ainda apresenta presença marcante do ambiente rural, que qualifica a paisagem. Em geral os estabelecimentos comerciais apresentam cuidado no tratamento paisagístico dos seus acessos,

através de jardins, muros de taipa, programação visual cuidadosa. Os vinhedos se aproximam da estrada em vários pontos, demarcados por cercas feitas com plátanos podados. É o principal trecho de visitação turística, com maior número de atrações.

TRECHO 03 – Do Spa do Vinho a Montebelo do Sul

Trecho essencialmente rural. Pouca presença de construções, poucas vinícolas. Predomina na paisagem os vinhedos junto à estrada e os morros ocupados por mata nativa ao longe. Ao longo da estrada, poucas áreas de acostamento e poucos refúgios.

TRECHO 04 – Via Trento. Ligação entre a RS 444 e o Restaurante Zandonai

Trecho rural, descendente, com belas perspectivas, mas sem nenhum ponto de parada. Ao final do trecho, um conjunto industrial excessivamente urbano e sem cuidado arquitetônico destoa de toda a paisagem do Vale dos Vinhedos.

TRECHO 05 – Via Trento até Rua Basílio Zorzi

Trecho com pavimentação basáltica, mudando o ritmo de circulação dos automóveis, mais adequado ao caráter turístico. Via estreita, com muitas curvas, mas com boa quantidade de prédios antigos, casarões coloniais, pequenas igrejas e capitéis, trazendo interesse em termos de patrimônio cultural. Grande densidade de vinícolas.

TRECHO 06 – Rua Basílio Zorzi até RST 470

Trecho extremamente íngreme, em subida. Passa por área de ocupação irregular, com algumas habitações precárias. Vistas muito privilegiadas do Vale dos Vinhedos, mas sem nenhum ponto de parada ou mirante. No trecho final, a área já é totalmente urbanizada, vinculada à cidade de Bento Gonçalves.

6.4 CONCLUSÕES PRELIMINARES

Considerando o sítio analisado, pode-se concluir preliminarmente que de um modo geral as paisagens observadas apresentam-se, em grande parte dos trechos, como resultado da ação humana sobre o meio físico, em equilíbrio, prevalecendo uma sobre a outra em determinados momentos do percurso. De um modo geral considera-se que todas são passíveis de intervenção, a qual deverá observar o nível de interferência na paisagem de acordo com os seus atributos físicos de forma a não descaracterizá-la.

Observa-se também toda a região levantada, carece de uma identidade visual específica, integradora, que caracterize o roteiro, a qual pode ser dada através do desenho dos seus elementos urbanos tais como peitoris, mobiliário e etc, bem como com a vegetação complementar a ser inserida em compatibilidade com a existente.

Cabe destacar também que, mesmo sendo o principal meio de percepção das paisagens o percurso através do automóvel, deverá ser avaliada também a possibilidade de implantação de ciclovias, em trechos ou setores de forma a viabilizar percursos curtos bem como a ligação através de passeios peatonais, principalmente nas áreas com maior intensidade de ocupação.

Ressalta-se que uma avaliação melhor da área será necessária, a qual deverá partir da definição dos trechos específicos e suas características, apresentados neste relatório, principalmente no que tange aos seus atributos físicos. Tal avaliação permitirá elaborar as intervenções propostas com mais segurança de forma a verificar a sua compatibilidade com as paisagens existentes que caracterizam o roteiro.

Arq. MsC. Rafael Brener da Rosa
Socio Diretor – RS Projetos Ltda
Coordenador Técnico do Projeto

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FACALDE, Ivanira e MADELLI, Francisco (orgs). *Vale dos Vinhedos*: caracterização geográfica da região. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

KOHLSDORF, Maria Elaine. **Manual** do Inventário Nacional de Configuração do Espaço Urbano (**INCEU**). MINISTÉRIO DA CULTURA - IPHAN: 2001.¹ LYNCH, Kevin. **The image of the city**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A paisagem social como imaginário de sentido*. In: DIMAS, Antonio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs). *Reinventar o Brasil – Gilberto Freyre entre história e ficção*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Editora da USP, 2006.

TILLEY, Christopher. *A phenomenology of landscape: places, paths and monuments*. Oxford: Berg, 1994.

ANEXO 01 – PLANTAS E MATERIAL GRÁFICO

ANEXO 02 – RELATÓRIO FOTOGRÁFICO